

São Lourenço de Pias em 1758: memória paroquial, toponímia e património



A difusão dos inquéritos setecentistas de Lousada tem constituído um dos projetos de maior continuidade desenvolvidos pelo Gabinete de Património e Arqueologia, beneficiando a comunidade local, para o século XVIII, de um dos mais completos conjuntos de dados sobre a organização administrativa, económica e social de cada uma das freguesias do município. Pias, para além de outros aspetos de particular relevo, foi sede do concelho de Lousada, com a Casa da Câmara no lugar da Oitava. Aquando da redação da Memória Paroquial, já a sede tinha sido deslocada para Silvares, como se depreende das palavras do abade memorialista, Jozé Lucas de Andrade, o qual realça que a freguesia “*Não hé couto, nem cabeça de concelho, honra, nem behetria*”.

Texto e Fotografia

Cristiano Cardoso
Tec. Sup. de História, CML
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

Luís Sousa
Arqueólogo, CML
luis.sousa@cm-lousada.pt

1. A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A paróquia

Na Idade Média, por meados do século XIII, a paróquia de São Lourenço já era referida, encontrando-se a igreja na posse de nobres importantes da região: os filhos e os netos de D. Nuno Sanches de Barbosa. Estes fidalgos tinham o privilégio de escolher o pároco da igreja, que depois devia ser confirmado pelo Bispo do Porto. Por esta época a freguesia tinha o nome de São Lourenço de Vila Nova, só adotando o nome Pias alguns séculos mais tarde. Na primeira metade do século XVI, este direito de apresentação do pároco da igreja já andava na posse do Mosteiro de Santo Tirso. Isto terá sucedido, provavelmente, porque aqueles fidalgos doaram ao mosteiro os direitos e privilégios que tinham sobre a igreja de São Lourenço de Pias, com o intuito de vincular o sufrágio perpétuo das suas almas. A freguesia de Pias é uma terra fértil que desde a Antiguidade tem sido procurada e cobiçada para o estabelecimento de explorações agrícolas. Aqui podemos encontrar vestígios de povoamento desde a Idade do Ferro. Na Idade Média os pequenos casais agrícolas deram origem a solares e quintas que ainda hoje subsistem. Em vários documentos do século XV e XVI foi possível encontrar referências à antiga Casa do Concelho, que estava estabelecida no lugar da Oitava desta freguesia. Assim se confirma a tradição de que esta foi a primeira sede do concelho de Lousada, cujo Foral data de 17 de janeiro de 1514. Só mais tarde, por meados do século XVIII, o paço municipal foi transferido para o lugar do Torrão, em Silvares, onde ficou até aos nossos dias.

1.2. A Igreja

A igreja que hoje podemos admirar foi construída em 1739, conforme se pode ver indicado na fachada. A grandeza da sua construção e a riqueza do seu interior deverá estar profundamente associada à influência do mosteiro beneditino de Santo Tirso, que, por essa altura, meados do século XVIII, continuava a exercer o direito de padroado. Assim se compreende a presença das imagens de São Bento e de Santa Escolástica, fundadores da Ordem de São Bento, lado a lado, no retábulo principal. Nos inícios do século XVIII, Pias era uma terra pobre, com pouca população e sem poder económico, contudo era no lugar da Oitava que se encontrava a sede do concelho de Lousada, pelo menos,



Figura 1 Igreja paroquial de Pias

desde meados do século XV, facto que também poderá ter favorecido a construção de uma igreja mais imponente.

A Igreja de São Lourenço de Pias enquadra-se dentro do estilo Barroco. A sua torre sineira, separada do corpo principal, suaviza a sua aparência austera, conferindo-lhe ritmo e autenticidade. Num dos cunhais da torre pode observar-se uma Tabela de Incêndios gravada numa placa de lousa, elemento que evidencia a importância do toque de sinos, não só para efeitos religiosos, mas também com funções de carácter civil e social.

O retábulo-mor é uma obra de arte de grande qualidade que foi executada entre 1743 e 1744 pelo conceituado entalhador português Manuel da Costa de Andrade. A obra de talha custou, naquele tempo, 330 mil réis, pagos em três prestações. Concluída a talha, ou seja, o trabalho de esculpir a madeira, foi necessário esperar nove anos pelo douramento. Para isso, em 1752, foi contratado o pintor e dourador António José Correia, que cobrou 450 mil réis para dourar o retábulo-mor, os frisos e as sanefas da capela-mor e pintar o teto. Os dois retábulos laterais, sensivelmente da mesma época do principal, são também de grande qualidade e terão sido executados, possivelmente, por um discípulo da escola de Manuel da Costa de Andrade.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE SÃO LOURENÇO DE PIAS: TRANSCRIÇÃO

Satisfazendo a ordem do Excelentissimo Senhor Bispo deste bispado do Porto, respondo aos interrogatorios na forma seguinte. Nº. 1. Esta freiguezia está na Provincia de Entre Douro e Minho, na comarca de Penafiel, do bispado do Porto, no concelho de Louzada. Nº. 2. Hé da jurisdicção da Serenissima Caza de Bragança. Nº. 3. Tem oitenta e dois vezinhos, e o numero de pessoas maiores são 286, e menores 42. Nº. 4. Está situada no valle, que medea entre a villa de Arrifana de Souza, que lhe fica ao Sul, e o lugar de Barrozas, da parte do Norte. Della se descobre a ditta villa de Arrifana em distancia de legoa e meia. Nº. 5. Nada. Nº. 6. A paroquia desta freguezia está situada no meio della. As aldeas ou lugares della são doze, a saber, Sobdeveza, Figueira, Pias, Souza, Outava, Casal, villa Nova, Torre, Redolho, Varzia, Pereiró e Barrimau. Nº. 7. O orago ou titulo della hé São Lourenço das Pias. Tem a igreja hua só nave e três altares. No principal está o padroeiro, no collateral, da parte do Evangelho, a imagem do Menino Deos, São Jozé e São Sebastião. No da parte da Epistola a imagem de Nossa Senhora, Santo Antonio e São Roque. Nº. 8. O paroquo desta igreja hé abbade. A apresentação della, vagando nos seos mezes, pertence ao abbade beneditino do Mosteiro de Santo Tirso de Riba de Ave. A renda são trezentos mil reis. Nº. 9. Não tem beneficiados. Nº. 10. Não tem conventos. Nº. 11. Não tem hospital. Nº. 12. Não tem caza de Misericordia. Nº. 13. Tem hua ermida ou capella de Nossa Senhora, no lugar de villa Nova, pertence ao povo da freguezia, que a sustenta com suas esmolas. Nº. 14. Não há romagem. Nº. 15. Os fructos que os moradores recolhem em maior abundancia hé pão de segunda e vinho verde. Nº. 16. Não tem juiz ordinario, nem camera, está sogeta ao do dito concelho de Louzada. Nº. 17. Não hé couto, nem cabeça de concelho, honra, nem behetria. Nº. 18. Nada. Nº. 19. Nada. Nº. 20. Não tem correio, serve-se do da villa de Arrifana de Souza que dista legoa e meia. Nº. 21. Dista da cidade do Porto, capital deste bispado, seis legoas, de Lisboa, capital do Reino, 58. Nº. 22. Tem os privilegios de que uzam os vassalos da Serenissima Caza de Bragança, sem outra couza digna de memoria. Nº. 23. Nada. Nº. 24.



Figura 2
Folha de rosto da Memória Paroquial de Pias de 1758 (ANTT).

Nada. Nº. 25. Nada. Nº. 26. Não padeceo ruina por cauza do Terremoto de 1755. Nº. 27. Nada. Quanto ao segundo titulo da serra, não há que responder, porque não há serra. Quanto ao terceiro do rio. Nº. 1. O rio que cinge esta freguezia, pela parte do Nascente, chama-se o Souza. Nace de hua lameira, na freguezia de Margaride. Nº. 2. Ainda que corra todo o anno, não nace caudelozo. Nº. 3. Nelle entram varias ribeiras, fora desta freguezia, e também os rios Mezio e o Ferreira. Nº. 4. Não me consta seja navegavel. Nº. 5. Por estas vezinhansas são feros, quando há enchentes cauzadas das cheias. Nº. 6. Corre de Nascente a Poente. Nº. 7. Cria peixes, a saber, barbos, bogas, trutas e escallos. Nº. 8. Não há pescarias nelle particulares. Nº. 9. O pescar neste rio hé livre. Nº. 10. Em muitas partes se cultivam as suas margens, sem arvoredos. Nº. 11. Nada. Nº. 12. Até esta freguezia não tem nome certo, e daqui para baixo, toma o nome de Souza, do lugar do mesmo nome desta freguezia, o qual conserva até desaguar no Douro, dando ou deixando o nome ao lugar em que faz de sua foz. Nº. 13. Morre no rio Douro, no lugar de Souza. Nº. 14. Nesta freguezia tem três levadas. Nº. 15. Não tem nesta freguezia pontes. Nº. 16. Nas três levadas, em que se levanta nesta, faz rodar doze rodas de moinhos. Nº. 17. Nada. Nº. 18. Como já fica

dito hé livre o uso deste rio. Nº. 19. O curso da sua corrente, ornado por linha recta será de sete legoas, desde a sua fonte até onde acaba. Nº. 20. Nada. Jozé Lucas de Andrade, abbade desta igreja de S. Lourenço das Pias, na comarca de Penafiel, deste bispado do Porto, certifico que as noticias

que tenho a respeito dos interrogatorios mandados fazer de ordem de Sua Magestade Fidelisima, são as acima declaradas, nem eu sei outras, e passa na verdade, São Lourenço das Pias, 20 de Abril de 1758. O abbade, Jozé Lucas de Andrade¹.

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

3.1. Toponímia

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Barrimau	Talvez derivado da presença de um barreiro, trata-se de um topónimo caracterizador da existência no local de barros de má qualidade argilosa. Por seu lado, J. P. Machado releva tratar-se de um topónimo de origem obscura, talvez de <i>barrio mau</i> , isto é, «bairro mau» ² .
Cazal/Casal	Topónimo frequente, muito documentado na Idade Média ³ . Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaías agrícolas. Trata-se da composição rural que melhor caracteriza a exploração da terra no entre Douro e Minho.
Figueira	Fitotopónimo indicador da presença na zona de uma árvore do género « <i>Ficus</i> », a figueira, cujo fruto é o figo.
Outava/Oitava	Este topónimo sugere ter origem num imposto. O termo é de raiz latina, derivado de « <i>octava</i> ».
Pereiró	De pera, no caso será indicador da presença da respetiva árvore. Este lugar é marcado pela presença de uma casa solarenga de traça arquitetónica do século XVIII.
Pias	José Pedro Machado, no seu Dicionário Etimológico, diz tratar-se de um topónimo frequente, especialmente no norte do país, surgindo na forma simples ou compósita. Aponta poder associar-se à presença de sepulturas rupestres ou no sentido de cisterna ou depósito de água ⁴ . Na paróquia de Pias persiste a ideia de que o termo derive de umas cavidades junto ao rio Sousa aparentando a forma de pias. Cremos que a origem da denominação deste quadrante administrativo Lousadense tenha que ver com umas pias existentes no Castro de Pias, no lugar de Moutadas. Terão existido no local outras, subsistindo apenas uma pia, de formato retangular, relacionada com um lagar rupestre de produção de vinho.
Redolho	São consideradas duas origens etimológicas para Redolho. A primeira tem que ver com uma condição de magreza extrema, a outra a denominação de um tipo de centeio ⁵ . Inclino-nos para esta segunda versão, uma vez que se adequa ao local, naturalmente vocacionado para o plantio daquele tipo de cereal.
Sobdeveza/ Subdevesas	«Sub» é um prefixo muito frequente na toponímia portuguesa, sendo indicador do que está abaixo. Devesas é plural de «Devesa», derivado do latim « <i>defensa</i> ». Entende-se aqui, como em todo o espaço concelhio, por campos ou parcelas de terrenos rodeados por árvores, nomeadamente por choupos, lóddãos, carvalhos, etc.

¹ IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 29, memória 170, fls. 1229-1232; CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 323-324.

² Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 223.

³ Machado, José Pedro - ob. cit., vol. I, p. 365.

⁴ Machado, José Pedro - ob. cit., vol. III, p. 1171.

⁵ Machado, José Pedro - ob. cit., vol. III, p. 1248.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Souza/Sousa	Surge no contexto toponímico de Pias associado ao principal curso de água do concelho, a que lhe dá nome – o rio Sousa. Trata-se no contexto regional de um dos mais antigos nomes de família, que aqui resulta em hidronímico.
Torre	Expressão muito frequente no Noroeste Peninsular. Indica assento no local ou em lugar próximo de uma estrutura, com carácter defensivo ou outro, cuja tipologia se assemelha a uma torre. Apesar de na maioria dos casos não subsistir, assegura que a houve em tempos.
Varzia/Várzea	Na região do vale do Sousa, assim como na generalidade do país, o termo várzea aparece associado a um campo agrícola de elevada rendibilidade, localizado usualmente nas proximidades de um curso de água, sendo do ponto de vista topográfico tendencialmente aplanado. Na documentação medieval aparece grafado como « <i>Uarcena</i> » ⁶ .
Villa Nova/ Vila Nova	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. O carácter compósito deste topónimo deve-se em boa medida o estar em contraponto com um outro aglomerado urbano anteriormente existente nas proximidades.

3.2. Património

3.2.1. Ermida de Nossa Senhora do Avelar

Orientada para sudoeste, composta por nave e capela-mor, a atual traça arquitetónica desta capela resulta de uma intervenção ocorrida nos inícios do século XVIII, como consta de uma inscrição gravada no lintel da porta da frontaria cujos numerais resultam na data 1718. Apesar desta recuada sugestão cronológica, referências documentais provam que este templo remonta pelo menos ao primeiro quartel do século XVI, pois vem mencionada no «Catálogo dos Bispos do Porto», de 1623.

Localizada no lugar de Vila Nova, como salienta o abade memorialista José Lucas Andrade, a invocação desta capela a Nossa Senhora do Avelar deve-se a uma lenda local, constando que em uma das aveleiras que existiam próximas da capela apareceu em tempos Nossa Senhora, acontecimento que levou o povo a construir o pequeno templo e a dar-lhe o nome de Nossa Senhora do Avelar. No 1º domingo de julho acontece uma marcante romaria para a comunidade local.



Figura 3 Capela de Nossa Senhora do Avelar.

⁶ Machado, José Pedro - ob. cit., vol. III, p. 1460.